SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO
Nº 750, DE 2012

Requeiro, nos termos do art. 218, inciso VII, e art. 221, inciso I, do Regimento Interno do Senado Federal, inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento ocorrido ontem, dia 15 de agosto, do flautista **Altamiro Aquino Carrilho**, aos 87 anos, no Rio de Janeiro, bem como a apresentação de condolências aos familiares.

JUSTIFICAÇÃO

O chorinho está de luto, perdeu um dos mais ilustres representantes o aclamado flautista Altamiro Carrilho, considerado um dos clássicos do choro, autor de mais de 200 músicas.

O músico nasceu numa família de músicos em 21 de dezembro de 1924. Bisavô, avô e tios tocavam na banda da cidade, no interior do Rio.e, como ele mesmo contava, começou a tocar flauta desde cedo: “A primeira flautinha eu tinha 5 anos de idade, foi Papai Noel que me deu. Todos os outros meninos da vizinhança pediam patinete, bola de futebol, bicicleta, enfim, e eu pedi uma flautinha”.

Ainda menino, fazia as próprias flautas em casa. Pegava um pedaço de bambu, fazia os furos com ferro quente e tocava. Um dia, o carteiro passou na rua e ouviu o menino tocando. O carteiro também era músico e se ofereceu pra dar aulas a Altamiro. Foi quando o menino, aos sete anos, conheceu a flauta transversa: amor à primeira vista.

Altamiro aprendeu como poucos cada detalhe, cada nuance do som do instrumento. Os dois eram como um só. Tocou com os principais nomes da música brasileira. Ele acompanhou grandes estrelas como Orlando Silva, Francisco Alves, Chico Buarque e Roberto Carlos. Os chorinhos eram os prediletos, compôs mais de 200 ao longo dos mais de 70 anos de carreira.

O reconhecimento popular veio quando o músico ganhou um prêmio no programa de Ary Barroso, com a interpretação de "Carinhoso", do mestre Pixinguinha, aos 14 anos. Um de seus maiores sucessos foi a música "Rio Antigo", que beirou a marca de um milhão de cópias.

O empresário de Altamiro, Sérgio Pargana, contou que a devoção à profissão era tamanha que o próprio médico lhe recomendava tocar até quando fosse possível. "Ele sabia que a música era a vida dele. Altamiro não conseguia mais tocar duas horas sem parar, mas adorava fazer shows com seu conjunto, mesmo tocando um pouquinho só. E o público queria a presença dele."

O último show havia sido no começo de junho, em Uberlândia (MG). Na ocasião, ele disse, em entrevista a uma emissora de TV local: "Eu tenho a impressão de que se eu parar com a música, eu paro. Desde criança, eu convivo no meio dos músicos."

Segundo os amigos, além do amor maior pela música, uma outra característica manteve até o fim: o bom humor. "Fui visitá-lo no hospital há algumas semanas e ele continuava fazendo piadas. Estava com uma suspeita de câncer no pulmão. Foi operado duas ou três vezes por causa de problemas no coração. Depois eu soube que tinha

recebido alta, e agora essa...", lamentou o gaitista Mauricio Einhorn, com quem Altamiro tocou com frequência nos últimos 15 anos.

Com mais de sete décadas de carreira, Carrilho é considerado por muitos como o maior flautista brasileiro de todos os tempos, com amplo domínio da técnica do instrumento, interpretando peças eruditas ou populares. Sua marca como instrumentista foi ser extremamente plural, sintetizando vários estilos e escolas em um instrumentista só, além de criar suas próprias linguagem e identidade. Com Altamiro, todas as notas soavam com extrema limpidez e expressividade.

Por tudo que representa para a cultura de nosso país, externo à família o profundo pesar pelo falecimento de Altamiro Carrilho, marco indelével da música brasileira.

Sala das Sessões,

Senador **EDUARDO MATARAZZO SUPLICY**

Publicado no **DSF**, em 17/08/2012.

Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal – Brasília-DF
OS: 13912/2012